

Armínio: crise na Argentina é lembrete para o Brasil

Presidente do BC diz que tensão serve de alerta para o país. Bancos pedem juros altos e Governo cancela leilão de títulos

Ronaldo D'Ercole, Sueli Campo (*),
Adriana Vasconcelos, Marcelo
Aguiar e Flávio Ribeiro de Castro

• SÃO PAULO, RIO, BRASÍLIA e BUENOS AIRES. O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, disse ontem que a turbulência vivida pela Argentina é um lembrete para o Brasil de que é essencial reforçar os fundamentos econômicos. Só dessa forma, disse, será possível enfrentar um agravamento da crise argentina ou de outras que poderão vir futuramente.

— A situação ainda é de fragilidade — admitiu, durante seminário em São Paulo.

O Tesouro Nacional e o Banco Central foram obrigados ontem a cancelar leilões de títulos com taxas prefixadas porque os bancos, assustados com a crise na Argentina, pediram juros que o Governo considerou altos demais.

• **FH afirma que está confiante na economia argentina**

O presidente Fernando Henrique Cardoso disse, por meio de seu porta-voz, Georges Lamazière, que está confiante de que a Argentina conseguirá superar sem problemas os ataques especulativos de que está sendo vítima.

— O Brasil tem plena confiança na economia argentina e nos seus dirigentes. O presidente vê com serenidade a evolução da situação — disse Lamazière.

Armínio Fraga lembrou que esta não é a primeira vez que a Argentina é testada. O Governo argentino, afirmou, tem sido prudente na administração da dívida pública. Além disso, a Argentina tem um sistema financeiro capitalizado e diversificado.

— Com todos esses elementos, a Argentina tem condições de suportar as dificuldades — disse.



O PRESIDENTE DO BC, Armínio Fraga, durante seminário em São Paulo: "A situação no Brasil ainda é de fragilidade"

Ele disse que o BC e o Tesouro não conseguiram vender ontem R\$ 2,5 bilhões em títulos prefixados devido ao momento de turbulência vivido pelo mercado, o que acabou provocando, segundo ele, "uma dispersão de taxas".

O Tesouro desistiu de vender R\$ 1 bilhão em LTNs, um título prefixado com vencimento em 91 dias. O consenso entre os ban-

cos, minutos antes do leilão, era de que a taxa média das LTNs ficaria em 22,7% ao ano para os 91 dias, acima da curva que o mercado projeta para as taxas de juros no mesmo período. Usando-se como referência os contratos futuros de juros, a taxa no período ficaria em 21,4%. O Governo não quis sancionar taxas no nível pedido pelo mercado e por isso

deixou de vender os títulos.

O Banco Central também cancelou uma oferta de títulos prefixados, com vencimento em 63 dias e no valor total de R\$ 1,5 bilhão. O Tesouro vendeu R\$ 2 bilhões em títulos, mas eram Letras Financeiras do Tesouro (LFTs), um papel pós-fixado, que acompanha as taxas de juros do mercado e oferece risco baixo.

As taxas de juros no mercado futuro subiram, também pressionadas pela tensão na Argentina. No contrato que indica as taxas para o mês de julho, o mais negociado, os juros projetados saltaram de 20,53% ao ano, na véspera, para 22,16%. O dólar chegou a saltar ontem a R\$ 1,69, mas recuou em parte e fechou em R\$ 1,683, com alta de 0,7%.

O chefe do departamento de Operações das Reservas Internacionais do BC, Daso Coimbra, explicou que o BC reduziu de 48 para 25 o número de *dealers* com os quais a autoridade monetária atuará no mercado de câmbio.

Peso argentino volta a sofrer pressão, mas bolsa sobe 1,19%

O peso argentino voltou a ser pressionado no mercado futuro de balcão, apesar de ontem ter sido um dia tranquilo para o mercado no país. A moeda chegou a ser negociada a 1,09 por dólar, com alta de 3,8% sobre a véspera, mas fechou cotada a 1,07 por dólar. A oscilação é consequência do aumento da demanda por operações de proteção contra o risco de variações do câmbio por parte de grandes empresas.

Apesar da instabilidade, a Bolsa de Buenos Aires fechou ontem com alta de 1,19%, recuperando parte da desvalorização de 4,3% do dia anterior. A queda de quarta-feira foi provocada por uma onda de boatos sobre renúncia do ministro da Economia, Roque Fernández, e de desvalorização do peso. Os rumores foram desmentidos pelo Governo argentino, que insinuou que as notícias teriam sido espalhadas pela filial de São Paulo de um grande banco de investimentos americano.

O Ministério da Economia argentino quis dar uma boa notícia

ao mercado, ao anunciar ontem o lançamento de US\$ 213 milhões em eurobônus no mercado europeu. Os títulos, emitidos em euro e com prazo de três anos, pagam juros de 7,16% ao ano, taxa 4,71 pontos percentuais acima dos títulos do Tesouro americano. Os bancos compradores, entretanto, tinham enviado as propostas para a compra dos títulos até a quinta-feira passada.

O pequeno e instável mercado de futuro de câmbio da Argentina continuou aquecido.

— Muitas empresas, incluindo várias brasileiras, começaram a ficar menos confortáveis com a situação e decidiram se proteger. Quem apanhou no Brasil não quer apanhar de novo na Argentina — revela o diretor de um banco de investimentos.

Dificuldade com metas fiscais provoca instabilidade

A desconfiança ocorre devido às dificuldades do Governo argentino em cumprir as metas de déficit fiscal acertadas com o Fundo Monetário Internacional. Especialmente porque é ano eleitoral no país e porque a economia argentina vem sofrendo o impacto da crise internacional, que reduziu a arrecadação pública.

— Um déficit de US\$ 5,1 bilhões, como ficou acertado com o FMI, não preocupa. O problema é se ele for muito maior do que isso — afirma Aldo Abram, diretor da consultoria Estúdio Proeco.

Para o diretor-executivo do Banco Bozano, Simonsen Latin America, Luiz Pretti, a situação argentina não preocupa:

— Não existe forma de a Argentina abandonar a paridade dólar-peso — diz Pretti. ■

(*) Da Agência O GLOBO